



UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA
LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA

**Qualidades subestimadas, marginalidade enfatizada: Imaginários
e dinâmicas de reprodução entre jovens usuários de substâncias
psicoactivas na Cidade de Maputo**

Autora: Jamaíla H. Brites Calú

Supervisora: Profa. Doutora Esmeralda Mariano

Maputo, Maio de 2024

Qualidades subestimadas, marginalidade enfatizada: Imaginário e dinâmicas de reprodução entre jovens usuários de substâncias psicoactivas na Cidade de Maputo

Trabalho de Culminação de Estudos na modalidade de projecto de pesquisa submetido ao Departamento de Arqueologia e Antropologia, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciatura em Antropologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane

Autora



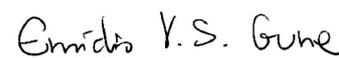
Supervisora



Oponente



Presidente



Maputo, Maio de 2024

Declaração de originalidade

Eu, Jamaíla Hafura Brites Calú, declaro que este projecto de pesquisa é original. Que o mesmo é fruto da minha investigação estando indicadas ao longo do trabalho e nas referências as fontes de informação por mim utilizadas para a sua elaboração. Declaro ainda que o presente trabalho nunca foi apresentado por mim anteriormente, na íntegra ou parcialmente, para obtenção de qualquer grau académico.



Jamaíla Hafura Brites Calú

(Jamaíla Hafura Brites Calú)

Maputo, Maio de 2024

Agradecimentos

Expresso a minha gratidão pela supervisão realizada pela Professora Esmeralda Mariano para elaboração desta pesquisa e pela oportunidade de participar em projectos que valorizaram as minhas aptidões extracurriculares.

Ao corpo docente do curso de graduação em Antropologia no Departamento de Arqueologia e Antropologia, da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane pela fundação antropológica que permitiram-me construir e que foi fundamental para o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço ainda por me terem desafiado a percorrer um caminho de compreensão do meu tema de pesquisa, sobretudo nos momentos em que fiquei estagnada no imediatismo das impressões primeiras que circundam a temática aqui tratada e as intenções que projectei sobre a realidade, condicionando a leitura dos resultados às minhas pré-noções e falta de experiência em pesquisa.

Agradeço aos participantes desta pesquisa pela confiança que em mim depositaram, por terem partilhado partes do seu quotidiano que me ensinaram a percorrer em segurança.

Finalmente, a Deus, a minha família, amigos e colegas com quem conversei e partilhei os meus obstáculos, pelo encorajamento e motivação.

Índice

Declaração de originalidade	iii
Agradecimentos.....	iv
Resumo	vi
CAPÍTULO I: Introdução	7
CAPÍTULO II: Revisão de literatura e quadro teórico-conceitual	11
2.1. Revisão de literatura.....	11
2.1.1. Antropologia, juventude e transgressão	11
2.2.2. Antropologia e uso de substâncias.....	12
2.3. Antropologia e Saúde mental.....	13
2.2. Enquadramento teórico-conceitual.....	17
2.2.1. Enquadramento teórico	17
2.2.2. Quadro conceitual	18
CAPÍTULO III: Metodologia.....	19
3.1.1. Inserção no Campo.....	19
3.1.2. Processo de seleção de amostra	20
3.1.4. Processo de construção de dados	21
3.1.5. Técnicas de registo de dados	22
3.1.6. Técnicas de tratamento de dados.....	23
3.1.7. Processo de análise de dados.....	23
3.1.8. Processo de elaboração do trabalho escrito	25
3.2. Questões éticas	26
CAPÍTULO IV: Marginalidade enfatizada, qualidades subestimadas	27
4.1. Principais actores no quotidiano das substâncias psicoativas	28
4.2. Redes de solidariedade	30
4.3. Marginais autónomos e habilitados	34
4.5. Identidade, vulnerabilidade e redes de apoio	41
CAPÍTULO IV: Considerações preliminares	43
Bibliografia.....	46

Resumo

Este projeto de pesquisa analisa dinâmicas sociais e o imaginário que cerca os jovens usuários de substâncias psicoativas na cidade de Maputo. Realizada entre dezembro de 2021 e maio de 2024, a pesquisa adota uma abordagem etnográfica que envolve observação participante e entrevistas, que permitiram uma imersão no cotidiano dos participantes do estudo e suas redes.

Os resultados da pesquisa permitem compreender que esses jovens se mostram autônomos e habilidosos, embora no seu cotidiano sejam frequentemente reduzidos a rótulos que o catalogam desviadas e incapazes e marginalizados.

A pesquisa destaca a complexidade das experiências, questionando a ideia de sua redução a uma posição marginal para resgatar a dimensão da sua autonomia e habilidades de gestão, negociação e de participação em redes de solidariedade fundamentais nas suas vidas de seus familiares e de outras pessoas que participam de suas redes.

Esta investigação pode estimular uma reflexão sobre o lugar marginal para o qual são relegados esses jovens, e que tem contribuído para agravar a sua situação de vulnerabilidade e para enfatizar suas habilidades. Essas habilidades podem ser exploradas e transferidas para outras áreas socialmente relevantes como alternativa ao campo da venda e do consumo de substância psicoativas, um exercício com potencial promissor no campo das políticas que visam reduzir a vulnerabilidade face a problemas mentais que a venda e o consumo dessas substâncias potenciam .

Palavras Chave: Juventude; marginalidade, vulnerabilidade, substâncias psicoativas; estigmatização; redes sociais

CAPÍTULO I: Introdução

Este trabalho é um projeto de pesquisa que investiga as dinâmicas sociais e o imaginário que cerca os jovens usuários de substâncias psicoativas na cidade de Maputo, um contexto urbano vibrante e multifacetado, este estudo busca entender como esses jovens, muitas vezes rotulados como transgressores e marginalizados, constroem suas identidades e navegam em um ambiente social repleto de desafios e oportunidades. O foco recai sobre áreas urbanas da cidade de Maputo, onde esses jovens interagem, desenvolvem suas práticas sociais e enfrentam o dia a dia em meio a um cenário marcado por desigualdades sociais.

O interesse por esse tema surgiu de uma conversa com um dos interlocutores, por sua vez, consumidor de substâncias psicoativas, que posteriormente se tornou participante da presente pesquisa. Ele se identificou como sendo uma “merda” que gostaria de ter um talento que tivesse prestígio, e que achava não ser o seu caso. A conversa foi interrompida por chamadas telefônicas consecutivas enquanto ele gerenciava simultaneamente dois negócios, denotando por um lado uma pessoa desconfortável com a sua situação, mas que, paradoxalmente demonstra uma habilidade notável em negociar e administrar negócios no quotidiano. Esta situação deixou-me curiosa para perceber como uma pessoa com tais habilidades considerava-se uma “merda”.

Adicionalmente, a questão de consumo de substâncias psicoativas tem sido apresentada como um problema crescente de saúde pública em Moçambique. A este respeito, Pires et al. (2020) registam um uso crescente de substâncias psicoativas, incluindo o álcool, a par da violência que tem estado a contribuir para o aumento de doenças mentais mais diagnosticadas no país (Pires et al., 2020). Essa situação resulta em parte do aumento de casos de tráfico e consumo de drogas no país (AR -IX./ Infor./399/03.04.2024).

Para fazer face ao problema, o Ministério da Saúde tem estado a desenvolver diversas acções. Foi assim que em 1990 estabeleceu o “*Programa Nacional de Saúde Mental*” que vigorou até 2001. O Programa lançou as bases para a intervenção no campo da saúde mental, incluindo a reabilitação de indivíduos com dependência de substâncias, visando sua reintegração à comunidade e ao trabalho produtivo (Pires et al., 2020).

Em 1995 as intervenções passaram a incluir atividades de reabilitação psicofísica das pessoas consumidoras de substâncias psicoativas (Pertosa & Agnoletto, 2001) e no ano seguinte passaram a incluir a reintegração dos referidos consumidores. Paralelamente à componente de saúde, medidas legislativas foram reforçadas em vigor em 1997, ano que viu o estabelecimento de penas de até dois anos de prisão para o consumo de substâncias estupefacientes, com exceções para casos de uso ocasional de drogas leves e de menores de idade, desde que se comprometessem a buscar tratamento (Pertosa & Agnoletto, 2001).

De entre os desafios colocados constam o desajuste da legislação em relação a realidade social atual, com maior ênfase nos adolescentes e nos jovens, que representam um grupo de risco dada a sua elevada vulnerabilidade ao consumo dessas substâncias e aos consequentes problemas de saúde mental.

A existência desses desafios levou-me a articular a minha curiosidade nascida da conversa com o consumidor acima mencionado entre um grupo de jovens, como forma de contribuir com conhecimento que possa fornecer infação sobre a sua realidade social que possibilite o aprimoramento das intervenções em curso, nas diversas dimensões da resposta aos problemas de saúde mental gerados pelo contacto de venda e consumo de substâncias psicotrópicas.

Da literatura analisada sobre a temática percebe-se que os jovens são normalmente tratados como actores principais da transgressão, em resposta a fragilidade dos sistemas culturais onde se inserem, que não transmitem valores como o civismo e o trabalho. Nessa literatura os jovens desempregados são imaginados como estando no limbo (Honwana 2014) ou transgressores (Groes-Green 2010). Entretanto, suas experiências no quotidiano e o contexto no qual operam tende a ser ignorados com resultado na continua incompreensão das dinâmicas e imaginários que alimentam o seu quotidiano.

Diante desse cenário nesta pesquisa interroguei quais as dinâmicas sociais e os imaginários que moldam o quotidiano dos jovens consumidores de substâncias psicoativas na cidade de Maputo, e como elas dialogam com situações de vulnerabilidade e de saúde mental.

Realizada entre dezembro de 2021 e maio de 2024, a pesquisa surge em um período de crescente atenção às questões de saúde mental. Por meio do método etnográfico, que combina observação participante e entrevistas, imergi nas vivências desses jovens, bem como nas suas redes de solidariedade e nas narrativas que os envolvem. Essa abordagem permitiu um

entendimento profundo e nuances das suas experiências, revelando aspectos frequentemente invisíveis nas análises tradicionais sobre juventude e consumo de substâncias psicotrópicas.

Os resultados da pesquisa permitem compreender que os participantes da pesquisa revelam autonomia impressionante e habilidades significativas na gestão de suas vidas e de seus negócios. Esses participantes se mostram autônomos e habilidosos, embora no seu cotidiano sejam frequentemente reduzidos a rótulos que os catalogam como “desviadas” “incapazes” e “marginalizados”.

A pesquisa destaca a complexidade das experiências dos jovens envolvidos no consumo de substâncias psicoativas, propondo uma reflexão crítica sobre a marginalização a que são frequentemente submetidos. Ao invés de reduzi-los a uma posição de vulnerabilidade passiva, a investigação sugere a importância de resgatar a dimensão da sua autonomia e das diversas habilidades que desenvolvem no cotidiano a saber a capacidade de gestão, negociação e participação em redes de solidariedade. Essas redes são fundamentais não apenas em suas vidas, mas também na de seus familiares e outros membros que participam desses círculos.

Ao realçar essas habilidades, a pesquisa desafia a percepção tradicional que contribui para o agravamento da vulnerabilidade desses jovens. Em vez disso, sugere que essas competências podem ser aproveitadas e aplicadas em outras áreas socialmente relevantes. Essa perspectiva abre caminhos para alternativas fora do circuito da venda e consumo de substâncias psicoativas. A exploração dessas habilidades em contextos produtivos pode ser uma ferramenta promissora para políticas públicas, com o objetivo de reduzir a vulnerabilidade associada aos problemas mentais que o envolvimento com essas substâncias potencia.

Em suma, ao enfatizar as capacidades desses jovens, a pesquisa oferece um enfoque que reconhece uma abordagem mais inclusiva e proactiva para lidar com a marginalização e as suas consequências. Esse enfoque pode ser apropriado para enformar melhor possibilidades de reintegração de consumidores de substâncias psicoativas ou de redirecionamento de habilidades para sectores mais sustentáveis.

A presente pesquisa é apresentada em cinco capítulos. O primeiro capítulo a presente introdução, seguida de uma revisão de literatura que integra debates sobre sobre juventude, uso de substâncias na antropologia e o quadro teórico- conceitual, no segundo capítulo. O

terceiro capítulo é reservado a metodologia. O mesmo inclui a descrição do processo de inserção no campo, processos de colecta, registo, tratamento e análise de dados, elaboração do trabalho escrito e questões éticas.

O quarto capítulo intitulado “Marginalidade enfatizada e qualidades subestimadas, explora dinâmicas de reprodução e o imaginário que envolve os consumidores de substâncias psicoactivas. O quinto e último capítulo exploram as considerações finais do presente trabalho.

CAPÍTULO II: Revisão de literatura e quadro teórico-conceitual

2.1. Revisão de literatura

2.1.1. Antropologia, juventude e transgressão

Os estudos antropológicos sobre a juventude africana tendem a retratar os jovens como agentes de transgressão, estagnação e vulnerabilidade. Autores como Honwana (2014) e Groes-green (2010) destacam a juventude em África como uma fase prolongada de suspensão, onde a maioria dos jovens se encontra marginalizada por fatores estruturais e políticos.

Honwana (2014) introduz o conceito de *waithood* para descrever o período de suspensão entre a infância e a idade adulta que grande parte dos jovens africanos enfrenta. Ela argumenta que os jovens, especialmente os de classes desfavorecidas, estão presos num ciclo de pobreza, com poucas oportunidades de emprego e independência financeira. Esse período prolongado de espera gera sentimentos de injustiça social e revolta, resultando muitas vezes em ações informais ou ilegais, como o tráfico de drogas, a emigração ilegal, e a participação em gangues (Honwana 2014). Para Honwana, as sociedades africanas são politicamente e economicamente instáveis, o que perpetua essa condição de marginalização.

No entanto, o conceito de *waithood* aplicado de forma generalizada à juventude africana traz consigo limitações significativas. Em primeiro lugar, pressupõe-se que a juventude de todas as classes e contextos sociais partilham da mesma experiência de transição. Essa visão, como apontado na pesquisa, pode ser reducionista, ao ignorar que os jovens das classes média e alta também enfrentam desafios semelhantes, mas de natureza diferente, como a pressão social para manter um determinado estilo de vida, bem como o envolvimento em atividades ilegais, como o uso e tráfico de substâncias. Em muitos casos, jovens com acesso a educação e recursos, longe de estarem "em suspensão", demonstram criatividade e autonomia, mas são igualmente estigmatizados pela sociedade.

Groes-Green (2010) acrescenta à discussão ao focar na juventude masculina das zonas periurbanas de Moçambique. Ele argumenta que esses jovens, os *moluwenes*, transgridem como uma forma de resistência ao sistema social que os marginaliza. Segundo ele, essa

juventude associa a força e a transgressão à identidade africana, enquanto o civismo e a educação são vistos como características da elite branca e estrangeira.

Groes-Green sugere que o comportamento transgressivo, incluindo o uso de drogas e a violência, reflete uma rejeição às hierarquias impostas e uma tentativa de desafiar o status quo (Groes-Green 2010). Contudo, a presente pesquisa ilumina outros grupos que estão vulneráveis aos mesmos problemas sociais, apesar do seu acesso a melhor educação, bens e oportunidades. Sugerindo que a marginalização não é apenas uma questão de resistência em luta de classes.

Além disso, os estudos sobre juventude em África frequentemente recaem sobre os mesmos tópicos: violência, uso de drogas, comportamento sexual transgressivo e criminalidade, reforçando a ideia comum de que a juventude, especialmente a masculina, está "perdida". Contudo, a pesquisa revela que as ações desses jovens estão profundamente interligadas a uma rede social mais ampla, que envolve outros segmentos da sociedade, como familiares, parceiros românticos e até agentes policiais. Embora sejam os jovens do sexo masculino os mais visados pelas críticas sociais, eles operam dentro de um sistema que envolve e impacta vários outros grupos.

2.2.2. Antropologia e uso de substâncias

O uso de substâncias psicoativas, como o álcool e as drogas, é outro tema amplamente abordado na literatura antropológica. O trabalho de Heath (1987) sobre o álcool mostra que o comportamento associado ao seu consumo não é apenas um efeito farmacológico, mas também cultural. O significado do álcool varia de sociedade para sociedade, e os seus efeitos sobre os indivíduos estão profundamente ligados ao contexto social em que é consumido. Isso subverte a visão simplista de que o álcool, por si só, leva ao comportamento descontrolado ou à adição (Heath 1987). Da mesma forma, o consumo de drogas não pode ser simplesmente entendido como um comportamento patológico ou criminoso.

Calado (2021) aprofunda essa discussão ao desafiar o conceito médico-legal de “droga”. Ele argumenta que a distinção entre substâncias lícitas e ilícitas é uma construção social, fruto de um sistema proibicionista global que se consolidou no século XX. Para a antropologia, o uso de substâncias não deve ser visto como uma questão isolada ou exclusivamente

farmacológica, mas sim dentro de um contexto social mais amplo. Calado destaca que o conceito de "droga" não existe na natureza; ele é uma invenção social, moldada por leis, políticas e discursos médicos que marginalizam certos grupos (Calado 2021).

Essa visão antropológica é especialmente relevante para a pesquisa, pois destaca como o contexto social, e não apenas o efeito farmacológico das substâncias, define a marginalização dos jovens envolvidos no consumo e tráfico de drogas. Em Moçambique, o uso de substâncias como a *cannabis* e o *ecstasy* é criminalizado, e é essa criminalização que coloca os jovens à margem da sociedade. Se essas substâncias não fossem ilegais, a rede de relações e práticas que envolve esses jovens poderia ser vista de forma completamente diferente. Assim, o que marginaliza esses jovens é, em grande parte, o proibicionismo médico-legal e não as substâncias em si.

A antropologia contribui para a compreensão dessa realidade ao criticar o determinismo médico e legal. Ao reconhecer que as drogas não são intrinsecamente prejudiciais, mas sim socialmente construídas como perigosas, a disciplina questiona as bases das políticas de proibição. Isso tem implicações profundas para o modo como a sociedade lida com os jovens envolvidos no tráfico de substâncias, especialmente ao considerar que essas práticas poderiam ser interpretadas de maneira diferente se o quadro legal fosse alterado.

A presente pesquisa ao focar em jovens, revela que as ações destes não ocorrem isoladamente, mas estão inseridas numa rede social mais ampla, que envolve diversos outros atores, como familiares, parceiros românticos e outros.

Ao invés de perpetuar esta visão sobre os jovens africanos este estudo contribui para um entendimento mais complexo e inclusivo da juventude e das suas práticas no quotidiano, desafiando as premissas estabelecidas sobre a sua marginalização.

2.3. Antropologia e Saúde mental

O estudo de Onocko-Campos et al. (2013) aborda o uso de narrativas na pesquisa em saúde mental, baseando-se nas teorias de Paul Ricoeur, Walter Benjamin e da antropologia médica. Ricoeur destaca o papel da temporalidade, associando a experiência humana ao tempo, enquanto Benjamin sublinha a natureza fragmentada da história e da narração. A antropologia

médica foca nas experiências de doenças no contexto cultural. O artigo examina três casos de pesquisa em saúde mental, mostrando como essas abordagens ajudam a entender as práticas de saúde e as experiências dos pacientes. As narrativas também facilitam reflexões entre os trabalhadores e contribuem para a construção de serviços mais adaptáveis às necessidades dos usuários.

Segundo Onocko – Campos et al. (2013) a medida que os serviços de saúde expandem as suas áreas de investigação, como no caso da psiquiatria, começa também a existir uma tendência para o uso da narrativa e da história de vida, como recurso metodológico para compreensão do paradigma do doente, apesar das complexas implicações que advém da escolha (Onocko – Campos et al., 2013, p. 2855).

Estas abordagens envolvem a análise de aspectos como a experiência única e subjectiva dos pacientes no seu processo de adoecer. Experiências estas que podem ser utilizadas para adequar os espaços de cuidado em reflexo das jornadas dos seus pacientes, isto é, miscigenação e inovação e criação e desenho dos serviços e programas de saúde, claro considerando questões éticas e clínicas (Onoko – Campos et. al., 2013, p. 2855).

A principal critica feita por Onoko – Campos et al. (2013) é de que a etnografia geralmente centra-se na auscultação como um solucionador universal de problemas técnicos e metodológicos, esquecendo do papel da intersubjectividade, como referem os estudos apresentados pelos autores (Onoko – Campos et. al., 2013, p. 2855).

A questão é que esta subjectividade, principalmente no campo da saúde mental, remete a histórias fragmentadas, com uma logica e ordem própria, não uma retorica habitual. Isto teve pressupostos interessantes a quando da adequação metodológica, transformando o modo de fazer pesquisa de práticas em saúde mental, utilizando a narrativa como base para colheita usada para aprofundamento, respeitando as construções originais dos usuários (Onoko – Campos et a;2013, p. 2855).

Este trabalho é uma rica contribuição para a questão desta pesquisa, os participantes da pesquisa são actores vulneráveis a riscos de saúde mental. A inclusão de estudos da narrativa para compreensão do paradigma do doente e melhoria do programa ou plano de saúde e dos espaços do cuidado, demonstra a riqueza da abordagem etnográfica no campo da saúde,

saúde mental e tratamento. Partindo destes mesmos pressupostos, pode-se considerar que esta pesquisa, baseando-se nas narrativas e sua singularidade, de participantes vulneráveis a questões de saúde oferece alguma iluminação para os planos e programas de prevenção da doença mental.

O trabalho de Barroso (2013), "*Desintoxicar e reinserir: perspectivas no tratamento dos usuários de drogas*", trata das abordagens no tratamento de usuários de drogas, com foco na desintoxicação e reintegração social. O estudo explora a complexidade do tratamento da dependência, enfatizando tanto as estratégias médicas quanto as sociais. Barroso argumenta que, para garantir uma recuperação duradoura, é necessário adotar abordagens abrangentes que considerem os aspectos psicológicos, sociais e de saúde dos indivíduos, promovendo uma reinserção efetiva na sociedade.

Segundo Barroso (2013) a questão das Drogas é tratada como legal e portanto, que diz respeito a investigação criminal e policial. A demonização do drogado é uma construção do Estado e da Medicina (Barroso, 2013, p.16). A abordagem de enquadrar o usuário como doente, permite a Medicina apoiar, apropriando-se do problema social, mas de certa forma reproduzindo os mesmos estereótipos aos pacientes, tidos como desviantes, insetos de aprisionamento, mas sujeitos a tratamento medico (Barroso, 2013, p.16).

O sistema de orientação medica, como por exemplo a 10a Edição da Classificação Internacional de Doenças (CID – 10) publicada e actualizada desde 1893 pela Organização Mundial de Saúde define os transtornos mentais e comportamentos devido ao uso de substâncias psicoativas, a OMS prosseguiu em definir a dependência como doença específica e portanto o *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM) IV de 1994 definiu os critérios para diagnostico de abuso de substância, superando a categoria dependência (Barroso, 2013, p.16).

Com estes importantes marcos a relação com substâncias passa a ser considerado campo da Psiquiatria e da Psicologia. Assim, os usuários de substâncias podem ser atendidos em hospitais psiquiátricos ou gerais como pacientes de saúde mental (Barroso, 2013,p. 17).

Barrosa (2013) pretende analisar as concepções da saúde e doença para os usuários de drogas e as dinâmicas institucionais envolvidas no seu tratamento pela rede de atenção a saúde mental, partindo do “desvio” discutido no campo da antropologia urbana, para uma reflexão

sobre antropologia da saúde na qual doença e saúde são entendidos como fenómenos culturalmente construídos (Barroso, 2013, p. 27).

Barroso (2013) afirma que para a antropologia pesquisar o campo de constituição e práticas terapêuticas ou actividades de cura, concentra-se no estudo das experiências dos actores envolvidos nos processos, incluindo os profissionais de saúde. Portanto ele etnógrafa o quotidiano de profissionais de saúde no atendimento dos usuários de drogas (Barros, 2013, p.27).

Esta dissertação, contribui para a análise que se pretende investir nesta pesquisa, desmistificando uma intersecção complexa, o campo de uso de substâncias, visto como uma arena onde a determinações legais e medicas. A apropriação deste campo para a Medicina se baseia principalmente no argumento biológico do uso de substância a “Dependência química” embora para os profissionais de saúde seja complexo clarificar isso, sem mencionar ou inserir este campo, no seio das outras doenças biomédicas (Barros, 2013, p.69).

Estas contribuições, podem permitir clarificar dinâmicas do tratamento dos usuários de substâncias como doentes mentais, permite verificar não só as características do tratamento, mas as noções sobre os pacientes (Barroso, 2013, p.69).

2.2. Enquadramento teórico-conceitual

2.2.1. Enquadramento teórico

O enquadramento teórico deste estudo baseia-se nas contribuições de Erving Goffman, cuja teoria oferece uma compreensão profunda das interações sociais e das dinâmicas de solidariedade em contextos de marginalização.

Erving Goffman (2009) explora como indivíduos com características consideradas desviantes enfrentam estigmas que afectam tanto a sua identidade como as suas interações sociais¹.

Goffman argumenta que o estigma é um processo social que não afecta apenas a autoimagem, mas também impacta as relações sociais, onde os indivíduos procuram gerir as impressões que causam nos outros (Goffman, 2009, p. 5).

A teoria de Goffman é escolhida como base deste estudo devido à sua capacidade de fornecer uma análise abrangente das dinâmicas sociais que permeiam o mercado informal de substâncias e as experiências dos jovens envolvidos nesse contexto. Goffman oferece uma análise detalhada de como o estigma molda a identidade social dos indivíduos. A sua teoria é crucial para entender como os jovens da pesquisa são rotulados de forma negativa e como essa rotulagem afecta a sua autoimagem e interações sociais.

Goffman (2009) defende que a identidade estigmatizada resulta em marginalização e exclusão, levando a uma luta constante pela validação e reconhecimento social (Goffman, 2009, p. 10). Isto é particularmente relevante para os jovens envolvidos no mercado de substâncias psicoactivas marcados por rótulos como “desviado”, “viciado” ou “delinquente”, todos eles indicativos de lugar socialmente marginalizado. A teoria de Goffman permite que este estudo explore as consequências do estigma na saúde mental e na autoestima desses jovens, bem como as estratégias que eles utilizam para gerir as impressões que causam nos outros (Goffman, 2009, p. 14).

¹ Alguns dos conceitos-chave abordados por Goffman incluem, estigma: Marca negativa atribuída a indivíduos ou grupos, levando à exclusão social e marginalização (Goffman, 2009, p. 5) e identidade estigmatizada: Refere-se à forma como os indivíduos internalizam rótulos sociais, resultando numa autoimagem negativa e numa luta constante por aceitação (Goffman, 2009, pp. 13-14).

Além disso, Goffman (2009) esclarece processos como a internalização do estigma e as suas implicações como forma de resistência ou como uma vantagem competitiva (p. 19). Esta abordagem é essencial para compreender as experiências dos jovens no seu quotidiano, onde o estigma social influencia suas identidades, saúde mental e autoestima.

2.2.2. Quadro conceitual

O quadro conceitual desta pesquisa é constituído pelos seguintes conceitos estigma, redes de solidariedade e autonomia.

Estigma é entendido nesta pesquisa, em linha com Goffman (2009, p. 5) que a entende como a marca negativa atribuída a indivíduos ou grupos, levando à exclusão social e marginalização.

Redes de Solidariedade, conceito construído através do conceito de rede social, remete para a interdependência entre diversos intervenientes de uma sociedade através da complementaridade de papéis sociais que exercem no seu quotidiano. Como afirma Fialho (2015, p.74), os seres humanos, seres sociais que dispõem suas qualidades intrínsecas numa encruzilhada de fluxos de identidades que se formam a partir da interacção uns com os outros.

Nesta pesquisa, a autonomia é definida como a capacidade do indivíduo de agir por iniciativa própria para atingir determinados objetivos. Segundo Kant (1960), citado por Malfitano (2011, p.50), trata-se da habilidade da vontade humana de se autodeterminar com base em uma moral aceita, por meio de um processo reflexivo. Assim, a autonomia não ocorre de forma "natural", mas é uma construção sociocultural desenvolvida individual e coletivamente.

CAPÍTULO III: Metodologia

A presente pesquisa foi desenvolvida com base em métodos qualitativos, uma vez que o objetivo central era entender as percepções e as interações dos jovens envolvidos no mercado informal de substâncias em Maputo. A investigação foi fundamentada na etnografia, permitindo uma inserção prolongada no campo e a observação direta das práticas quotidianas dos jovens.

A abordagem etnográfica foi escolhida por sua capacidade de revelar as dinâmicas sociais e culturais complexas, permitindo um mergulho profundo nas práticas quotidianas e nas interações entre os jovens. A observação participante, em particular, proporcionou uma perspectiva privilegiada sobre as formas como esses jovens lidam com os desafios sociais e como constroem suas identidades em meio a um contexto de marginalização e uso de substâncias ilícitas.

3.1.1. Inserção no Campo

A inserção no campo seguiu a abordagem de observação participante, como sugerido por Malinowski (1922) e Geertz (1973), que destacam a importância de “estar presente” para entender as dinâmicas sociais. A pesquisa teve início com visitas informais a locais onde os jovens se encontram, incluindo barracas, espaços de convívio, e festas, onde os participantes do mercado de substâncias operam suas redes. A inserção foi gradual, desenvolvendo relações de confiança ao longo de três meses, o que permitiu um acesso mais profundo às interações entre os participantes e os seus clientes, fornecedores e outros atores.

As observações foram realizadas em diferentes horários do dia, incluindo manhãs, tardes e madrugadas, nos quais os jovens estão mais ativos. Durante este período, além da observação participante, foram realizadas conversas informais, nas quais os jovens relataram seus sentimentos, desafios e interações diárias.

Este exercício foi indispensável para me estabelecer no campo, onde obteria o conteúdo para o desenvolvimento do trabalho de pesquisa. Como defende Leach (1982) os indivíduos e o significado das suas acções são melhor compreendidas quando observadas no seu devido contexto, o que permite construir as dinâmicas que envolvem uma determinada pratica.

Isto é particularmente verdadeiro na presente pesquisa, a etnografia revelou uma serie de pressupostos das acções a prior enigmáticas dos interlocutores, permitiu compreender em que meio as suas acções fazem sentido. Através da presença no campo, condição do trabalho antropológico pude estar mais próxima do potencial que a etnografia oferece.

3.1.2. Processo de seleção de amostra

Para a presente pesquisa foi usada a técnica de bola de Neve (Bernard, 1995, pp. 97 -98) citado por Lundin (2016) definida como tipo ideal para desenvolver pesquisas sobre redes sociais, consiste na identificação de um ou mais indivíduos que levam a identificação de outros possíveis candidatos a pesquisa (Lundin, 2016, p. 392).

3.1.3 Perfil dos principais participantes (Tabela 1)

Nome	Idade	Escolaridade	Ocupação	Nacionalidade	Residência
Armando	25 anos	Licenciado de Gestão de Empresas	Vendedor de Substâncias psicotrópicas	Moçambicano	Cidade de Maputo
Ismael	24 anos	Estudante de Mestrado de Gestão de Projectos	Vendedor de substâncias psicotrópicas	Moçambicano	Cidade de Maputo
Zahara	23 anos	Mestre em contabilidade e Gestão Financeira	Gestora Financeira	Moçambicana	Cidade de Maputo
Célia	72 anos	Desconhecida	Professora	Moçambicana	Cidade de Maputo
Tomás	74 anos	Desconhecida	Desconhecida	Moçambicano	Cidade de Maputo
Zainabo	68 anos	Desconhecida	Desconhecida	Moçambicana	Cidade de Maputo

Tabela 1 – Perfil dos Participantes, colheita etnográfica.

3.1.4. Processo de construção de dados

A construção dada foi iniciada com uma observação participante e entrevistas semiestruturadas. A observação participante permitiu documentar as interações dos jovens no mercado, bem como as suas estratégias de gestão de risco e redes de apoio. Através dessa metodologia, foi possível observar diretamente as transações e interações, sem a mediação de filtros externos, como propõem Spradley (1980) e Agar (1986).

Foram acompanhados 2 participantes principais, mas considero mais 4 participantes activos na pesquisa, que participavam frequentemente nas dinâmicas dos jovens e, portanto, priorizados na pesquisa. Estes desvendaram uma rede com pelo menos 20 pessoas com idades entre 21 e 70 anos, todos envolvidos direta ou indiretamente na venda e consumo de substâncias e, que, portanto, influenciaram a colheita de dados.

O exercício da observação dos interlocutores, foi desafiante em primeiro lugar porque não é uma prática natural, observar tendo em conta todo aparato de uma disciplina, é muito diferente da observação do quotidiano como sugere Cardoso De Oliveira (1996, p. 15) sobre a domesticação teórica do olhar, o olhar etnográfico.

A ideia de observação participante, destaca o acto de observação, mas como bem sugere Cardoso De Oliveira, envolve a presença no campo que por si só envolve repercussões nas acções dos interlocutores e o ouvir.

O ouvir, é tido por Cardoso De Oliveira (1996) permite alimentar as observações com as ideias que lhe sustentam, estas ideias compõem o sentido, absolutamente relevante para o trabalho etnográfico, daí a importância de obter explicações dos próprios interlocutores da pesquisa por meio de entrevistas e diálogo livre de condicionamentos (Cardoso De Oliveira, 1996, p. 20).

Neste ponto sobre ouvir, se completa a alteridade, o encontro etnográfico (Cardoso De Oliveira, 1996, p. 21). Importa referir o desafio da linguagem, Cardoso De Oliveira (1996,

p.19) menciona que o diálogo é mais desafiante quando existe a barreira do Idioma, mas também pela diferença de “Idiomas Culturais” resultado da pertença em mundos diferentes.

Este último desafio foi experienciado por mim ao longo do trabalho etnográfico, apesar de todos os participantes e eu utilizarmos o mesmo idioma, houve dificuldades na dimensão dos “Idiomas Culturais” (Cardoso De Oliveira, 1996, p. 19).

As entrevistas foram realizadas com seis participantes. As mesmas eram do tipo semiestruturadas que permitiram a flexibilidade de explorar temas emergentes durante a coleta de dados. As conversas ocorreram em espaços de convívio habituais para os participantes, como bares e casas, ao longo de várias semanas. Cada entrevista teve uma duração média noventa minutos. Adicionalmente, durante os convívios, foram feitos registos detalhados de observações e outros diálogos, com o consentimento dos participantes que permitiram captar expressões e discursos do quotidiano de interacção dos participantes da pesquisa. Este processo permitiu que a coleta de dados se expandisse além das entrevistas formais, capturando as interações espontâneas.

3.1.5. Técnicas de registo de dados

Os dados obtidos na pesquisa de campo. Peirano (1992) diz que o feedback entre teoria e pesquisa é essencial para a produção de conhecimento científico, ainda mais na antropologia que tem como característica a pesquisa de campo como um aspecto central (Peirano, 1992, p. 4).

E importante ressaltar que a pesquisa de campo não é uma simples técnica de colecta de dados, é um processo que impõe considerações teóricas específicas, visto que a teoria e a técnica têm de estar alinhadas, é por meio da pesquisa de campo etnográfica que se consolida a teoria antropológica (Peirano, 1992, p. 8).

A pesquisa de campo e os dados que dela advém permite ao pesquisador situar-se teórica e antropológicamente, mas também permitem a teoria o confronto com a realidade em constante mudança e a sua adequação (Peirano, 1992, p.9)

Isto justifica a função da pesquisa do campo. Nesta pesquisa para preservar as colheitas da pesquisa de campo foram registrados utilizando anotações de campo e gravações de áudio, com autorização prévia dos participantes. As anotações de campo incluíam diários de campo, descrições detalhadas das interações observadas, diálogos entre os participantes, e reflexões do pesquisador sobre o observado e outros dados resultantes da experiência etnográfica.

A gravação de áudio foi utilizada durante as entrevistas para assegurar um melhor registo dos dados. Em contextos onde o uso de dispositivos de gravação poderia gerar desconforto ou suspeita, foram feitas notas de campo extensivas logo após as interações, para garantir que as informações fossem capturadas enquanto estavam frescas na memória. Os dados foram registrados diariamente após o retorno do campo.

3.1.6. Técnicas de tratamento de dados

Os dados coletados por gravação foram transcritos *verbatim*. As notas de observação escritas do campo em situações onde não foi possível gravar foram também digitalizadas com apoiando-me nas notas tomadas no campo. Por fim, os cenários ou situações mais inesperadas, cuja a dinâmica não permitia o registro imediato, foi digitalizado de acordo com a memória e posteriormente usado como referência para as conversas com os participantes que ajudariam a esclarecer aquilo que não ficou registrado adequadamente. Esta informação era sempre registada no mesmo documento final que foi a base para a análise de dados, descrita a seguir.

3.1.7. Processo de análise de dados

A análise de dados seguiu uma abordagem indutiva, baseada nos princípios da teoria fundamentada de Glaser e Strauss (1967). Para o efeito, as transcrições das entrevistas e anotações de campo foram lidas repetidamente com o objetivo de identificar padrões emergentes e nuances nas falas dos participantes. Cada categoria foi codificada manualmente para facilitar a organização dos dados, e posteriormente, utilizada na análise dos resultados. A análise foi realizada em duas a saber a fase de codificação inicial, a codificação axial.

Na codificação inicial foram identificados os conceitos principais nas falas dos participantes, organizando os dados de forma preliminar em categorias iniciais. Esta etapa foi importante para identificar assuntos relevantes para pesquisa, e que conduziram também a busca de material para subsidiar a pesquisa (Howard – Payne, 2016, p.56). Por sua vez, na codificação axial foi feita uma descrição mais profunda dos fenómenos observados dentro das categorias mais importantes, permite também as conectas entre si, explorando intersecções e dinâmicas complexas. Foi muito útil para compreender certas sobreposições de constatações, como a que deu origem ao título abreviado “Qualidades subestimadas, marginalidade enfatizada”, ou a dualidade das redes de solidariedade que promovem em simultâneo a autonomia e a vulnerabilidade dos participantes (Howard – Payne, 2016, p.56).

Um processo a destacar na análise de dados, foi o confronto da teoria com a colheita da pesquisa de campo. Como sugere Peirano (1992) a pesquisa de campo permite o confronto com a teoria, que permite a tradução dos fenómenos para uma dialética e a consolidação da teoria para se adequar a realidade sempre em transformação. Este foi um exercício indispensável porque dada a natureza do tópico, a colheita é preenchida de interacções com tabus, que muitas vezes continuam a se refletir até na teoria. O confronto da teoria aos dados permitiu identificar no campo aspectos onde a minha observação não chegava, mas também na teoria dimensões mais profundas de entendimento.

Interessante o ponto que destaca Peirano sobre a análise dos dados, destacando que um trabalho de campo considerado rico, pode sustentar uma reanálise dos dados iniciais, isto é certamente a característica dos dados desta pesquisa (Peirano, 1996, p. 14)

O trabalho de campo e a observação do quotidiano revelou duas dimensões de análise, a micro etnográfica e uma macrossociológica. A vida e experiências dos participantes permitiram compreender dimensões subjectivas da sua experiência, relativos a como se sentiam no lugar que estão inseridos. Mas também permitiu traçar o mapa das conexões que vivenciavam a montar uma rede, que revelou actores e dinâmicas próprias como sugere Peirano (2006).

3.1.8. Processo de elaboração do trabalho escrito

A elaboração do trabalho escrito foi feita de forma iterativa. A cada nova fase de coleta de dados, os resultados eram revisados e ajustados com base nas novas observações. A escrita foi assim um processo contínuo, onde a análise e a revisão crítica dos dados ocorriam simultaneamente, excepto nas porções pré-textuais que foram escritas com base no documento de orientação para trabalhos escritos do Departamento de Arqueologia e Antropologia da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane. A elaboração do trabalho escrito é o produto final do trabalho, como Cardoso De Oliveira (1996) diz citando Clifford Geertz (s/d) existem duas etapas da pesquisa antropológica, uma estando no campo e outra no fim do trabalho de campo período onde se elabora o trabalho escrito (Cardoso De Oliveira, 1996, p. 22).

Esta segunda etapa é um processo rigoroso, onde as notas do diário de campo, devem assumir ser traduzidas a uma nova linguagem, que confira as colheitas etnográficas um outro olhar estruturado e científico. Cardoso De Oliveira (1996) frisa que a etnografia não é tarefa simples e obriga a ir além de outras formas de escrita para produzir uma espécie de (meta) teoria social (Cardoso De Oliveria, 1996, p. 23).

Este exercício de construção de uma dialética autónoma do pesquisador, não vem para anular o trabalho de campo, mas sim estender e traduzir a sua compreensão para mais níveis. Pois é a partir da colheita etnográfica que o autor desenvolve a sua interpretação dos fenómenos sociais apresentado na etnografia (Cardoso De Oliveira, 1996, p. 24).

A revisão de literatura foi feita tendo em conta os subsídios preliminares da codificação inicial que permitiu identificar “juventude”, “uso de substâncias psicoactivas”, “marginalidade” como categorias das análises iniciais. Foram utilizadas estas expressões nos motores de busca académicos tais como a *Google scholar*, *Microsoft academic* e o repositório livre da Biblioteca virtual Brazão Mazula. Para os artigos relacionados os tópicos “Juventude” e “marginalidade”, foram seleccionados materiais com relevância no que concerne o tópico e ao contexto moçambicano, actualidade considerando.

O material usado para o enquadramento teórico foi explorado posteriormente a análise qualitativa seguindo a sugestão de Glaser (1999) mencionado por Howard - Payne (2016) para quem os dados guiam a pesquisa (Howard -Payne, 2016, 58).

O corpo do trabalho onde são apresentados os resultados e a sua análise foi dividido em duas dimensões, a macro, que foca nos aspectos estruturais e sociais das redes de solidariedade no mercado de substâncias e a micro, que trata das experiências individuais dos participantes da pesquisa.

3.2. Questões éticas

A pesquisa foi realizada respeitando os princípios éticos estabelecidos para pesquisas antropológicas, conforme o código de ética da Associação Sul Africana de Antropologia (SAAA). As questões éticas mais relevantes incluíam a garantia de anonimato dos participantes, proteção de suas identidades e confidencialidade das informações obtidas. Os nomes usados ao longo do presente documento são fictícios.

O consentimento informado foi obtido, oralmente, antes da participação nas entrevistas e gravações. Os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa, sobre a confidencialidade dos dados e sobre seu direito de retirar-se da pesquisa a qualquer momento.

Durante o campo, a proximidade com os participantes gerou dilemas éticos e emocionais, exigindo uma constante autorreflexão sobre o papel do pesquisador. Embora a tentação de intervir fosse frequente, mantive o foco na observação e na escuta, reconhecendo que minha função principal era compreender, e não modificar, as dinâmicas sociais observadas.

Além disso, devido ao caráter sensível do tema, foi garantido aos participantes que suas informações não seriam compartilhadas com terceiros, excepto para fins de elaboração deste com finalidade acadêmico, e que as gravações seriam utilizadas exclusivamente para a análise da pesquisa e posteriormente descartadas. A segurança da pesquisadora foi garantida por meio negociação com os participantes, que orientaram as práticas seguras. Estabeleceu-se, um protocolo informal para evitar situações de risco, como a participação em atividades potencialmente perigosas, garantindo a proteção da pesquisadora ao longo da pesquisa.

CAPÍTULO IV: Marginalidade enfatizada, qualidades subestimadas

Esta parte do trabalho é dedicada a análise das dinâmicas sociais e imaginários que moldam o cotidiano dos participantes da pesquisa, um exercício alicerçado em Goffman (2009).

Exploro primeiro dinâmicas de interação entre os diversos actores que compõem o mercado informal de substâncias, e depois a rede de solidariedade que surge dessas interações. De seguida apresento a dimensão individual, abordando como esses jovens lidam com a sua marginalização e como as suas qualidades, apesar de subestimadas, emergem como instrumentos de sobrevivência e autonomia.

Os resultados desta pesquisa revelam duas dimensões centrais que se entrelaçam na análise do mercado de substâncias ilícitas entre jovens. A primeira dimensão é de carácter macro e a segunda é individual. A rede macro refere-se aquela que integra actores que participa no mercado de venda de substâncias psicoativas, onde interações e trocas se desenrolam entre vários indivíduos e grupos nomeadamente os jovens que realizam as transações, os fornecedores e outros actores. Essas redes operam com base em dinâmicas de confiança, dependência mútua e poder, estruturando a forma como o mercado se organiza e perpétua.

Quanto a dimensão individual ela é focada nas narrativas e experiências desses jovens nesse contexto de venda das referidas substâncias. Esses jovens, frequentemente rotulados no quotidiano como desviados e incapazes, são alvos de uma narrativa que marginaliza e subestima as suas qualidades e capacidades que reforça a sua situação de vulnerabilidade que o contexto de venda e de consumo agrava. Entretanto, apesar de viverem num contexto de vulnerabilidade social, muitos destes jovens demonstram formas de autonomia e competência marcadas por habilidades de negociação, durante a aquisição, venda ou alargamento de prazos de pagamento de dívidas, habilidades de promoção de produtos e de organização dos seus negócios, muitas vezes invisíveis pelas pessoas no seu entorno.

4.1. Principais actores no quotidiano das substâncias psicoativas

O quotidiano no seio das substâncias psicoativas é marcado pela presença de diversos actores, cada um desempenhando um papel distinto, mas interdependente a saber os fornecedores, os vendedores, os consumidores, mulheres e outros. Esses actores operam dentro de um sistema que se rege por dinâmicas de confiança, cumplicidade e hierarquia que molda as interações e a organização do mercado.

Os fornecedores, que tendem a ser pessoas acima dos 40 anos de idade, do sexo masculino, controlam o acesso e o fluxo das substâncias psicoativas. Estes indivíduos, muitas vezes com maior experiência no mercado, determinam quem pode ou não participar nas transações. A sua posição de poder permite-lhes operar numa esfera mais discreta, mantendo-se fora do radar de visibilidade do negócio e protegendo-se dos riscos de exposição direta ao mercado. Estes fornecedores atuam como figuras-chave na estrutura do mercado, regulando o acesso e assegurando a continuidade das operações.

Os vendedores, grupo mais visível é composto pelos jovens operadores que realizam a maior parte das transações de substâncias. Estes, predominantemente do sexo masculino, são muitas vezes considerados os principais actores do comércio de substâncias psicoativas. Embora rotulados como criminosos e desviantes pela sociedade, muitos destes jovens demonstram capacidades importantes, como a gestão, negociação e empreendedorismo. Eles gerem com eficácia as operações diárias e os riscos associados às transações, mostrando uma capacidade notável de adaptação num ambiente de constante vulnerabilidade.

As mulheres, geralmente mães, parceiras ou irmãs dos vendedores, desempenham papéis cruciais no quotidiano. Muitas vezes operam de forma discreta ou insuspeitas no quotidiano, o que lhes permite operar de forma mais discreta e, por vezes, “passar despercebidas” na interação com diversas pessoas no quotidiano. As dinâmicas de gênero desempenham um papel fundamental neste contexto, uma vez que a maioria dos polícias envolvidos no controle de substâncias psicoativas são do sexo masculino que, em regra, revistam jovens do sexo masculino e raramente o fazem a mulheres, a menos que haja outra mulher em serviço. Essa realidade dá às mulheres uma vantagem em termos de mobilidade e acesso ao mercado,

permitindo-lhes atuar como facilitadoras e gestoras de recursos, muitas vezes sem chamar a atenção para si mesmas.

Os consumidores de substâncias psicoativas são actores essenciais mesmo quando permaneçam invisíveis. A relação entre os consumidores e os jovens operadores é frequentemente baseada em confiança e na discrição, estratégias usadas para reduzir riscos legais associados ao consumo e à venda dessas substâncias.

Os consumidores apresentam os mais diversos perfis económicos e incluem desde jovens de classes populares a outros segmentos da população. Em alguns casos, os consumidores também são inseridos nas redes de solidariedade, recebendo proteção ou facilitação para o acesso às substâncias. A capacidade dos consumidores de navegar no mercado de forma discreta é muitas vezes vital para evitar a detenção pelas forças de segurança.

Os referidos actores interagem uns com os outros com referência a confiança, reciprocidade e solidariedade. A confiança entre os jovens operadores e os fornecedores veteranos é crucial para o sucesso das transações, visto que qualquer quebra nesta confiança pode comprometer toda a rede. Da mesma forma, as relações entre os jovens e as suas parceiras femininas envolvem trocas de apoio emocional e logístico, reforçando as suas posições dentro do mercado e permitindo-lhes continuar as suas operações.

A referida interação inclui cenários de tensão que envolve diversos actores da rede, e circunstâncias específicas. A título de exemplo, a constante ameaça de traição e a vulnerabilidade de exposição a cenários e pessoas hostis a venda e consumo de substâncias psicoativas potenciam um ambiente onde a desconfiança está sempre presente.

4.2. Redes de solidariedade

Nesta parte do trabalho exploro as redes de solidariedade que envolvem os participantes da pesquisa. Esta dimensão da análise focada nas redes é preponderante para análise das identidades dos jovens, porque é nessas interações que as suas identidades são produzidas.

Os participantes do estudo operam conectados por meio das redes onde eles estão inseridos. Esta rede possui diversos actores, cada um com papéis específicos dentro das mesmas e na interação com outras redes.

Os jovens vendedores, apoiam os negócios uns dos outros, convivem entre eles, protegem-se de situações de violência, mantêm em sigilo as identidades uns dos outros, mesmo sob pressão da polícia denunciar seus companheiros.

Armando, participante de 24 anos de idade, vendedor de substâncias psicoativas partilhou uma experiência onde fica patente a ideia de proteção uns dos outros,

“... pressenti que estava a ser seguido pela polícia, instintivamente acelerei, comecei a fugir, apesar de não ter naquele momento nada que me incriminasse. Fui encontrado, chantageado e agredido até desmaiar, para confessar que era vendedor ou denunciar pessoas que vendem, mas não o fiz” (Armando, 24 anos de idade, vendedor de substâncias psicoativas).

Certa manhã de domingo, recebi uma ligação de Zahara, namorada de Ismael, também participante da pesquisa. Ela estava tensa porque Ismael havia sido apreendido carregando substâncias psicoativas. Ela planeava pagar uma fiança não oficial, determinada pelos policiais que a contactaram para libertar Ismael. Angustiada ela me pediu ajuda, queria que eu a levasse de carro ao posto policial, pois precisava de levar a quantia onde o Ismael estaria preso.

Devido ao risco da situação e à minha falta de experiência, decidi contactar Armando, amigo de Ismael e participante da pesquisa. Expliquei a situação, e ele imediatamente se dispôs a ajudar. Passamos a manhã, entre diversos locais da cidade e arredores, seguindo orientações

falsas sobre a localização de Ismael até que, Zahara enviou o dinheiro tendo que esperar 24 horas sem saber do paradeiro de Ismael.

A cada posto policial, Armando chamava por Ismael em códigos, no percurso ligava para os policiais, e procurava negociar com eles, uma situação que Armando explicou nos seguintes termos,

“...quando um de nós é preso, todos ajudamos, seja para fechar a mola ou negociar”
(Armando, 25 anos de idade, vendedor de substâncias psicoativas).

Esta situação relatada pelo Ismael revela a solidariedade entre os membros da rede. Um dia depois, quando foi liberto, Ismael contou que não sabia onde estava e que ouviu os policiais a nos fornecerem direções falsas, foi obrigado por eles a pedir a Zahara para enviar o valor.

A observação das experiências relatadas a que tive acesso tornou clara a interajuda da rede entre estes jovens. Além das situações exemplificadas ajudam uns aos outros em momentos de dificuldade no negócio, fazendo empréstimos, adquirindo stocks ou vendendo no lugar do colega. Estes jovens participantes mobilizam os actores da sua rede com finalidades solidárias uns para com os outros.

Certa vez eu estava num convívio na casa de Armando com maioria dos seus amigos presentes. Estavam entretidos com a música, bebidas e concentrados num jogo de tabuleiro denominado 30 segundos. Armando estava ao celular constantemente, e, entretanto, saiu de casa deixando os amigos. Voltou com um *colman* que levou para o seu quarto. Mais tarde, explicou-me que ainda estava a recuperar-se do susto, tinha ido buscar a sua mercadoria e que foi intersectado pela polícia várias vezes. Questionei - o como contornara a situação ao que ele respondeu,

“Eu tenho um gajo (...) falei com ele, lhe dei alguma cena, lhe orientei. Foi a melhor cena, ele veio comigo no carro, conduziu, metemos essa cena no *colman*, cada vez que nos paravam, o gajo só dizia aquela cena dos policiaes que eles aprendem lá, e nos deixavam passar.” (Armando 24 anos de idade, vendedor de substâncias psicoativas).

Na situação acima descrita, Ismael reconhece os sinais sociais e a força que os preconceitos e estigmas podem ter. O seu papel social lhe confere um estigma, que sinaliza algo aos outros, seja no exercício da sua actividade quer noutra qualquer. Portanto aciona um dos membros da sua rede, com um papel social associado a uma série de símbolos positivos para a sociedade, que o apoia na execução da sua actividade, o que lhe confere protecção.

A situação do Ismael remete a Goffman (2009) para quem o estigma pode em certos cenários fazer com que os indivíduos estigmatizados adotem uma postura de se esconder, ou de assumir, e se apropriar do estigma e transforma-lo numa vantagem. Tanto a apropriação, quando o esconder são visíveis dentro da rede de solidariedade (Goffman, 2009, 9).

O mesmo acontece com o papel das mulheres no mercado de venda de substâncias, elas são um recurso para certos tipos de transações porque não são associadas a esse tipo de crime e, portanto, podem executar com mais segurança. A semelhança dessas mulheres, os fornecedores também estão isentos do estigma, são normalmente pessoas mais velhas, geralmente associadas a experiência de vida, maturidade, principalmente no contexto cultural em que se insere a rede, onde prevalece a máxima de respeito aos mais velhos.

Os membros da rede conferem protecção uns aos outros, devido condição de legalidade das suas actividades e o estigma associado, precisam de se esconder, a protecção se manifesta em primeiro lugar pelo sigilo. Por exemplo, os consumidores que mencionei como actores da rede de solidariedade, tem um perfil muito diversificado. Eles conhecem os seus vendedores, mas mantêm sigilo sobre a identidade deles, assim como os vendedores mantem sigilo sobre o facto de eles consumirem. Os consumidores normalmente só assumem a sua relação com a substância para outros consumidores, ou num ambiente onde o estigma não se manifeste, ainda que a lei proíba o consumo.

O sigilo é importante por causa do estigma, como explorarei na secção a seguir. Negoiar ser liberto serve também para fingir que nada aconteceu e garantir a manutenção de um registo criminal incólume. Porque ter um registo criminal, apontando apreensão ou relação com substâncias teria um impacto transformador negativo na vida do indiciado, gerando o registo da institucionalização do estigma ou registo de um *status-degradation ceremony* onde o individuo passa a assumir oficialmente uma identidade degradante (Machado, 2008, p.154).

Como mencionado acima, Goffman (2009) afirma que a interiorização do estigma, pode resultar em feitos diversos, o sigilo como discutido acima, mas também a apropriação do estigma como forma de resistência, como uma vantagem (p.5).

Certa vez, num convívio entre os jovens interlocutores, num dos restaurantes da cidade, Armando e Ismael a conheceram pela primeira vez o namorado da irmã de Zahara. O rapaz, tinha uma atitude condescendente em relação a eles, e eles captaram isto imediatamente.

Manuel, cunhado de Zahara, fez vários ataques sutis a Ismael e Armando. Até que depois de alguns copos, ameaçou agredi-los. Armando desatou a rir-se e disse, “olha eu já te estou a engolir desde que chegaste, por respeito ao Ismael, mas é ele o teu cunhado não eu, não me abuses.” E olhou para Ismael, que respondeu “*Nosotros somos bandidos*”. Esperança irmã de Zahara, que sabia o significado da piada, repreendeu Manuel em segredo.

Esta expressão que se traduz em português para nós somos bandidos, é utilizada pelos interlocutores para refletir uma identidade coletiva que desafia as normas sociais e legais impostas pela sociedade. Originada do filme “Tropa de Elite,” esta frase encapsula a complexidade da vida nas comunidades marginalizadas, é uma forma de afirmação e resistência diante da opressão e da criminalização.

Ao afirmar “nós somos bandidos,” os indivíduos não só se apropriam do estigma, mas também se posicionam como agentes de suas próprias narrativas. Assim, essa expressão se torna um símbolo de solidariedade entre os membros da comunidade e uma declaração de sua luta por dignidade e respeito em um contexto de marginalização. Esta apropriação lembra Goffman (2009) e sua constatação segundo a qual os estigmatizados, tem mais experiência em lidar com as dinâmicas da interação social e costumam estar melhor preparados para lidar com situações adversas (Goffman, 2009, 7).

Este ponto demonstra algumas dinâmicas entre os diversos actores da rede que fazem transações silenciosas e meticulosas aproveitando a sua protecção contra os estereótipos. Na parte seguinte do trabalho analiso como esses actores reproduzem uma narrativa que enfatiza a marginalidade e subestima a qualidades dos vendedores participantes na pesquisa. Aprisionando - os, num estereótipo mantendo - os no universo de uso de substâncias, cuja rede revela o envolvimento de todos.

4.3. Marginais autónomos e habilitados

Nesta secção descrevo a dualidade do quotidiano dos participantes . Os participantes do estudo estão inseridos na rede analisada onde é reproduzido um discurso que enfatiza as suas vulnerabilidades ao mesmo tempo que subestima as suas qualidades. Nesse cenário, e apesar de rotulados como marginais e de reconhecerem-se como tal, eles exercem uma série de funções autónomas, pondo em prática e desenvolvendo habilidades que passam despercebidas por si e pelos outros. Desta forma a rede de solidariedade produz dinâmicas complexas navegadas por eles entre a autonomia e a vulnerabilidade.

Ao serem rotulados como marginais, os participantes do estudo cabem na teorização sobre estigma desenvolvida por Goffman (2009) que o apresenta como um atributo considerado inadequado num determinado contexto social, sendo destacado acima dos outros atributos num processo denominado estigmatização ou rotulagem (Goffman, 2009 , p.5).

A estigmatização produz no individuo a identidade estigmatizada, que é o resultado da interiorização do estigma que faz com que o individuo conduza a sua vida e interações de modo a negociar o rotulo ou apropria-se dele reforçando suas vulnerabilidades. Ao assumirem-se como marginais os participantes do estudo reproduzem o sentido de estigmatização a que estão sujeitos no contexto onde eles vivem o seu quotidiano.

A estigmatização de determinados atributos leva a marginalização de segmentos da população. A exclusão social, coloca estes segmentos em situação de risco e perpetua as suas vulnerabilidades. Definir os jovens usuários de substâncias como perigosos, violentos, irresponsáveis, inúteis ou doentes os torna ainda mais vulneráveis a exclusão, à perseguição, chantagem, violência, à institucionalização por agentes legais ou biomédicos.

A questão da vulnerabilidade é crucial para entender como os jovens lidam com os desafios diários em suas vidas. E como constroem as suas identidades através do discurso predominante em suas vidas que os rotula como irresponsáveis, incapazes, condenados e marginais.

Num final de semana, Armando contactou-me para participar de um convívio com os amigos, conduzia o seu veículo pela cidade em direcção a um restaurante. Ao contrário da sua habitual postura alegre e divertida, estava pensativo e silencioso, até que o questionei sobre isso. Primeiro Armando disfarçou, depois quebrou o silêncio nos seguintes moldes,

“O que todos dizem é que não sou bom em nada. Estou sempre a falhar, e isso fica na minha cabeça” (Armando, 25 anos, vendedor de substâncias psicoativas).

Segundo Armando este discurso é frequentemente perpetuado por familiares e amigos. Tal como sugere a teoria de estigmatização de Goffman (2009) que postula a supervalorização de um atributo considerado negativo que ofusca todo potencial do indivíduo, gerando uma atitude discriminatória pelos considerados normais, que com tempo afecta o indivíduo, a sua autoestima e saúde mental e condiciona-o a procurar transformar as narrativas sobre si (Goffman, 2009, pp.5 - 7). Prosseguindo a sua intervenção, Armando desabafou,

“Não sei como mudar isso, e sempre que tento fazer alguma coisa, algo acontece, eu falho e só piora a situação” (Armando, 25 anos, vendedor de substâncias psicoativas).

Essa internalização do estigma, conforme discutido por Goffman (2009), resulta em uma identidade estigmatizada que limita a capacidade dos jovens de se verem como agentes de mudança e de reconhecerem suas qualidades e habilidades presentes na sua vida.

Numa das visitas que realizei a casa do Armando, presenciei uma conversa que estava a ter com Célia, sua mãe que dizia o seguinte,

“Olha eu quero lhe fora da minha casa, fora de Moçambique se for possível, ele não se acerta, levou a personalidade do meu pai e do pai dele, chega em casa altas horas e eu tenho que trabalhar, é só bebedeira, fica a jogar no computador, dorme até tarde e fica a vender essa porcaria.” (Célia 72 anos, professora, mãe de Armando).

A Célia enfatizava apenas a marginalidade do Armando que por sua vez diz que a relação com a sua mãe é muito complexa, ele afirma que conta tudo a sua mãe e considera que são melhores amigos. Explica que apesar de todo o esforço que ele faz por ela, ela parece não o considerar. Principalmente em comparação a sua irmã Rosa, que é uma jovem formada em

Medicina dentária, estudiosa e esforçada no que diz respeito a carreira. Ele diz que a irmã pode fazer várias coisas erradas e a mãe não vê, enquanto ele pode fazer tudo certo e a mãe não vê.

Conversei com Rosa sobre o seu irmão, ela explicou que o jovem tem um carácter de alguém que teve tudo o que quis, da sua maneira. Ela sente que ele acusa a todos pela vida que tem e justifica as suas acções na rejeição dos pais, por se terem divorciado e cobra de todos compensação pelo sofrimento. E acha que a sua mãe durante muito tempo quis dar esta compensação e acabou gerando uma pessoa despreparada para lidar com a realidade,

“Meu irmão não presta, ele está apegado a separação dos meus pais, e os meus pais achavam que ele tinha que ser compensado por isso, ficamos todos obrigados a cumprir os desejos dele” (Rosa, jovem de 28 anos, irmã de Armando).

Observei algumas vezes Armando fazendo o esforço que diz que faz pela família, ele tem atenção pelos seus familiares, em algum momento procura agrada-los. Tive relatos e a oportunidade de observar também em conflito, onde ele de facto faz as acusações sobre o abandono dos pais e sobre a diferença de tratamento que sempre sofreu. As discussões geralmente culminam com o Armando a sair de casa e levar alguns dias a retornar,

“Ele já não está bem consigo mesmo, ele diz eu não estou bem comigo mesmo, tem um problema com o álcool, basta começar não consegue parar. Ele não pensa em nada, não pensa em sair dessa vida, fica a imaginar coisas sem sentido que não tem futuro nenhum, esta sempre a pedir dinheiro, olha se tiver problemas com a polícia eu não tenho dinheiro, gasta tudo em bebedeiras e apostas.” (Célia, 72 anos de idade, mãe do Armando)

Quando Armando defendeu o seu curso de licenciatura, felicitei aos seus pais Célia e Tomás, pelo excelente resultado na defesa. E comentei que talvez seja momento de apreciar o feito e uma esperança para o alinhamento dos objectivos de vida do seu filho. Tomás seu pai respondeu,

“Essa parte de mudar do comportamento vou fingir que não ouvi, esse não tem solução.” (Tomás, 74 anos, pai de Armando).

Ismael é um jovem mais confiante ele afirmava que iria se tornar um grande barão da droga no futuro. Não vê o seu trabalho como um fracasso, vê a potencialidade apesar dos riscos. Ele reconhece que o seu comportamento às vezes é inadequado. Em conversa com os seus amigos num dos convívios em sua casa ele disse,

“Minha namorada diz que quando estamos a curtir, a beber a bater nossas drogas naqueles ambientes na casa do artista agimos como se estivéssemos possuídos, eu acredito nisso. Que tal isso esteja a convidar espíritos para dentro de nós, temos que tomar banho para parar de beber eu começo a sentir vontade de outras coisas quando começo a beber, já quero ou aquilo para aguentar.” (Ismael, 24 anos de idade, vendedor de substâncias psicoativas).

Sua namorada, Zahara tem receio da vida que ele leva, lamenta várias vezes. Certa vez, contactou-me angustiada, porque tinha tido um conflito com Ismael. Estavam a conversar sobre a vida que ele leva, e como ela tinha dificuldade de se adaptar a rotina de festas no final de semana porque tinha que trabalhar durante a semana. Lamenta que ele ficava meia semana ainda a recuperar dos finais de semana. Ela disse que a conversa rapidamente escalou, e culminou com a saída dele de casa, convidou-me para ter companhia.

“Eu acho que ele não tem nem perspectiva de sair dessa vida de vender droga para arranjar emprego, ele vive arruinando a sua imagem nas situações em que ele se coloca nessas festas, coloca em risco a saúde com esse estilo de vida. Se a minha mãe soubesse o que de facto esta a acontecer nunca permitiria que permanecesse com ele. Eu acho que devo me desfazer dele porque acho que ele nunca vai mudar de vida.” (Zahara, 23 anos de idade, gestora financeira, namorada de Ismael).

Algumas vezes, Zahara dizia que Ismael consumia drogas pesadas, ele fazia isso escondido dela, mas que para ela era fácil reconhecer quando ele consumia, porque a atitude dele mudava, a cara dele mudava, ela reconhecia o comportamento porque teve uma tia que também consumia, e tinha os mesmos hábitos. Ela tinha conflitos também com a mãe de Ismael, porque a senhora tinha uma espécie de apoio incondicional pelo filho, aprovava as suas atitudes. Inclusive deixando Zahara confusa se o seu posicionamento era adequado.

Conversei com a dona Zainabo, mãe de Ismael, certo dia ela me contactou para conversar sobre as preocupações com o seu filho Ismael e as constantes discussões com Zahara. Ela comentou que sente que o seu filho ainda é muito jovem e esta realmente na fase de curtir e se divertir. Conta como acha que a relação com Zahara o pressionou a assumir demasiadas responsabilidades muito cedo. Ela contou que,

“Ele sai, fica muitos dias sem voltar para casa, ele não fazia isso quando vivia aqui em casa, eu lhe chamo atenção porque esta a deixar a menina sozinha. As vezes digo a ela vai la atrás dele, estes jovens ainda estão na fase de curtir. Ela não pode impedir isso, tenta prender a ele em casa, mas ele tem que curtir é a fase dele.” (Zainabo, 68 anos de idade, mãe de Ismael).

Estas narrativas servem para demonstrar o tipo de discurso veiculadas no círculo íntimo das relações de Armando e Ismael. Eventualmente estas narrativas chegam a outros níveis da rede, e podem de facto circular para além delas.

Os participantes do estudo vêm-se no meio de uma narrativa de subestimação, são constantemente discursados como incapazes, imaturos, traumatizados, irresponsáveis e são sujeitos a expectativas muito baixas. Entretanto, apesar destas narrativas os participantes do estudo revelam e apresentam uma série de habilidades que exercem e desenvolvem de forma autónoma, no seu quotidiano.

Uma vez, fui a casa da mãe de Ismael para celebração do *Eid*¹, o Ismael convidou os seus amigos então acompanhei uma conversa entre eles, onde estavam presentes vários jovens da rede destacada na pesquisa, incluindo Armando, eles estavam a conversar sobre custo de vida e renda mínima para viver em Maputo, Ismael destacou,

“Eu consigo fazer isso” referindo-se a renda mensal sustentável para viver em Maputo ...vendo, negocio, organizo meu estoque. É trabalho! mesmo que as pessoas não vejam...” (Ismael, 24 anos, vendedor de substâncias psicoativas).

A afirmação do Ismael revela demonstra habilidades de gestão, negociação e de organização do negócio. O que nos diz Goffman (2009) é que quando um estigma é atribuído, ele ofusca o

resto da identidade do indivíduo estigmatizado, o que acresço isso torna as qualidades não visíveis para os que os rodeiam e para eles próprios.

Célia e Zainabo mães de Armando e Ismael tem uma relação, graças a amizade dos filhos. Segundo Armando, Célia descobriu primeiro o seu envolvimento no mercado de substâncias, quando Zainabo descobriu entrou em choque e, então Célia foi um suporte para si, convencendo-a de que o melhor é que estejam por parte das actividades deles, do que tentar proibir e afasta-los. De acordo com os Armando e Ismael elas participam em certos casos das transações. Zainabo recebe algumas vezes a mercadoria para os dois, que depois vão buscar com ela. Célia na ausência de Ismael, entrega as encomendas quando os clientes vão buscar a sua casa. Ismael diz que Célia compreende o seu negócio porque é lucrativo, lhe permite realizar os seus objectivos, ajudar a sua família.

Zahara também referiu que participa em certos casos, e pela sua discrição pode efectuar transações com mais segurança. Às vezes, acompanha Ismael na distribuição, depois do seu horário habitual de trabalho.

Certa vez, enquanto visitava Armando, que estava com a sua mãe em casa. Tivemos uma conversa sobre os riscos do seu trabalho. Inclusive fazendo menção a Ismael que parece estar mais confortável com a sua actividade. Ele me disse que Ismael tem outras fontes de rendimento, porque recebe mesada do seu avô, e isso lhe permite ter acesso as coisas. Enquanto ele não recebe absolutamente nada toda sua fonte de rendimento é aquela. Então questionei porque não aproveita do fluxo de vendas para criar outras fontes de rendimento? E ele respondeu

“Abrir um negócio não é fácil. Mas também eu sou uma merda, não sei fazer nada. Gostaria de ter algum talento que tivesse prestígio.” (Armando, 25 anos de idade, vendedor de substâncias psicoativas)

A sua fala foi interrompida por duas chamadas em simultâneo, para os seus dois telemóveis, que ele atendeu em simultâneo, rapidamente dispendo seus produtos, calculando a viabilidade de vender produtos que ainda não tem, meios de distribuição e entrega ao cliente. De seguida, negociou com os fornecedores, para adquirir os produtos ao melhor preço e com o transportador. Em alguns minutos organizou toda uma operação para atender a encomenda

do seu cliente, demonstrando destreza a gerenciar o seu negócio. O Ismael, amigo do Armando que estava presente comentou nos seguintes termos,

“Ele às vezes fala para dois telemóveis ao mesmo tempo. Quando é assim esta a vender, o telemóvel não para de tocar” (Ismael, 25 anos de idade, vendedor de substâncias psicoativas).

A explicação do Ismael reforça a ideia de que os membros da rede oferecem o apoio que lhes permite navegar num mundo hostil, gerindo os riscos que envolvem o seu trabalho e tem benefícios com os seus lucros e em simultâneo os que reproduzem narrativas que inferiorizam a sua identidade.

Os discursos que recriam um ambiente de marginalização, não impedem aos jovens de exercer sua autonomia. No entanto, essa autonomia vem com um custo emocional marcado pela ausência de reconhecimento dessa autonomia e de suas habilidades, por um lado e reduzidos a um lugar de marginalidade, por outro, mantendo os participantes nesse ciclo vicioso.

4.5. Identidade, vulnerabilidade e redes de apoio

A interseção entre o estigma e as redes de solidariedade revela um ciclo complexo que impacta a saúde mental e a autoestima dos jovens. Embora as redes de apoio ofereçam um espaço para a afirmação da identidade e a construção de autonomia, elas também podem reforçar a marginalização e a vulnerabilidade.

As experiências dos participantes da pesquisa são frequentemente permeadas por um discurso de desresponsabilização, onde suas ações são minimizadas e suas conquistas ignoradas. A constante desvalorização de suas identidades resulta em baixa autoestima e sentimentos de inadequação, como Armando expressou:

“Gostaria de ser bom em alguma coisa que tivesse prestígio, mas não sou bom em nada” (Armando, 25 anos, vendedor de substâncias psicoativas).

A luta diária dos jovens para equilibrar a resistência à marginalização com a necessidade de pertencimento exemplifica a tensão entre identidade e estigma. Como Goffman (2009) demonstra, a identidade é moldada pelos contactos mistos, ou seja, pela interação social (Goffman, 2009, p.14). E os jovens enfrentam um desafio constante em redefinir suas identidades de forma saudável em um contexto que frequentemente os marginaliza.

Goffman (2003) também aborda a "liberdade dos actos" na sua proposta de análise dos padrões de interação social em diferentes contextos. Ele explora como, em determinados espaços sociais, os indivíduos desfrutam de maior liberdade na execução dos seus actos, especialmente em locais públicos. Nessas situações, os actores sociais procuram manter e ajustar a sua identidade dentro de um contexto social mais amplo (Fialho, 2015, p. 68). A explicação de Goffman (2003) permite compreender como os actores conseguem exercer a sua autonomia no meio de um contexto de vulnerabilidade, utilizando a rede de apoio ao seu redor, e as suas diversas capacidades.

“Eu me fiz na rua, para seres respeitado tens que lutar, sofri muito desrespeito por ser mulato e fofinho, mas agora todos me respeitam e dizem aquele mulato é mau.” (Armando, 25 anos, vendedor de substâncias psicoativas).

As acções que num determinado momento ele repudia, noutro momento e contexto ele reconhece como necessário para aquisição de um estatuto para ganhar respeito ou validação.

Cada contexto tem a sua moral, e com base nela, são atribuídos valores aos atributos, que são posteriormente associados a um individuo. Esse mesmo individuo, pode sofrer exclusão num contexto onde os estigmas atribuídos sejam valorizados, como pode ser integrado e positivamente validado no outro, inclusive pelos mesmos atributos.

CAPÍTULO IV: Considerações preliminares

A pesquisa realizada oferece uma análise sobre as dinâmicas sociais, culturais e identitárias que envolvem jovens usuários de substâncias psicoativas em Maputo, desafiando percepções convencionais e preconceituosas.

A pesquisa começou com uma investigação exploratória sobre saúde mental, e, ao longo do caminho, direcionou-se para a realidade de um grupo específico de jovens. A partir de narrativas e algumas presenças, etnográficas, no seu cotidiano, a pesquisa foi ajustada para abordar identidades, autonomia, habilidades e solidariedade em contexto de venda e consumo de substâncias psicoativas.

A literatura sobre a temática tem sido dominada por uma visão que apresenta a juventude africana como estagnados, oprimidos e sem perspectivas. E são assim categorizados por não caberem na expectativa dominante subjacente nessa literatura que universaliza o entendimento sobre o percurso da experiência humana assume os jovens como adultos em potência que no futuro ingressarão no mercado de trabalho formal. Enquanto essa fase não chega essa literatura assume que os jovens devem estar a aprender para reunir as habilidades necessárias para esse trabalho futuro.

A ênfase dessa literatura no futuro e potência desses jovens faz com que suas vivências no presente e suas trajetórias sejam apresentadas como defeito do que deveria estar a ser, ignorando dessa forma a possibilidade de compreender dinâmicas e imaginários que animam a vida desses jovens nos contextos onde eles vivem.

Adotar uma abordagem etnográfica possibilitou ir além das narrativas tradicionais que tendem a reduzir esses jovens a marginais, para revelar nuances que frequentemente são ignoradas pelas análises superficiais, nomeadamente a sua autonomia, suas as habilidades de gestão, negociação e de participar de redes de solidariedade.

Na presente pesquisa, a experiência etnográfica foi marcada por negociações diversas, considerando a sensibilidade do tópico da pesquisa. Um primeiro nível de negociação ocorreu no processo de acesso aos participantes, das narrativas de suas trajetórias e do seu

quotidiano. A proximidade permitiu gerar confiança e possibilitar esse acesso. Um segundo nível foi o de negociar acesso a situações consideradas pelos participantes como de risco, sobretudo para a pesquisadora. Nestes casos a pesquisadora aceitava os limites por eles impostos sobre onde, o que e quando poderia observar ou que informação poderia ter acesso. Essas experiências de negociação enfatizaram o facto de a pesquisa e seus resultados serem fruto de uma negociação envolvendo a pesquisadora e os participantes do estudo.

Ao longo da pesquisa, as redes de solidariedade emergiram como um aspecto importante na pesquisa. Ao contrário da visão tradicional que retrata o tráfico de substâncias como uma atividade isolada e exclusivamente masculina, a pesquisa mostra que estes jovens operam em redes que envolvem familiares, amigos, clientes, fornecedores e outros actores de diversos perfis. Essas redes são estruturadas de forma concêntrica, com laços de confiança e apoio mútuo que garantem a continuidade da venda e do consumo dessas substâncias psicoactivas.

Ao observar de perto as dinâmicas desse mercado, a pesquisa revela a autonomia dos jovens, frequentemente subestimada por discursos que enfatizam sua vulnerabilidade. Embora as narrativas predominantes apresentem esses jovens como frágeis e à mercê das circunstâncias, eles demonstram uma capacidade impressionante de gerir suas realidades de forma autónoma e com as diversas habilidades que desenvolvem ao longo de suas trajetórias. Contudo, essa autonomia também é acompanhada por consequências graves para sua saúde mental e física. O estigma social associado ao consumo e à venda de substâncias, somado à falta de autoestima, contribui para agravar a sua situação de vulnerabilidade.

A pesquisa conclui que o problema enfrentado por esses jovens vai muito além dos efeitos farmacológicos das substâncias psicoactivas para abarcar o contexto social que frequentemente os estigmatiza e marginaliza, em vez de oferecer suporte e fortalecer as habilidades que estes possuem, e que muitas vezes são subestimadas ou sequer percebidas. Assim, políticas públicas mais inclusivas e focadas no fortalecimento da autoestima e na transferência de habilidades para esses jovens são essenciais para romper com esse ciclo de marginalização.

Finalmente, a presente pesquisa oferece uma oportunidade para reflectir sobre ética e trabalho de campo antropológico em contexto de situações com nuances acentuadas de vulnerabilidade de risco. A inserção em ambientes de risco exige não apenas disciplina e

destreza, mas também sensibilidade para com os desafios enfrentados pelos participantes. A experiência etnográfica demonstrou que, mesmo em contextos familiares, o distanciamento cultural e social pode ser significativo, revelando a importância de uma proximidade genuína para compreender as nuances das dinâmicas sociais.

Bibliografia

1. Agar, M. (1986). *The professional stranger: An informal introduction to ethnography*. Academic Press.
2. Bardin, L. (2010). Análise de conteúdo.(1977). *Lisboa (Portugal): Edições*, 70, 225.
3. Barroso, P. F. (2013). Desintoxicar e reinserir: perspectivas no tratamento dos usuários de drogas.
4. Calado, V. G. (2021). A antropologia e a perspectiva sociocultural das drogas. *Análise Social*, 240(3), 498-519. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
5. Cardoso de Oliveira .(1996). O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever, in: O trabalho do antropólogo. São Paulo: USP. Pp. 15 – 30.
6. Cardoso de Oliveira, R. (2006) Capítulo 1: o trabalho do antrólogo: olhar, ouvir, escrever, in: O trabalho do antropólogo. São Paulo: Editora UNESP, Pp. 17- 36.
7. Fialho, J. (2015). Pressupostos para a construção de uma sociologia das redes sociais. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 29, 59-79.
8. Geertz, C. (1973). *The interpretation of cultures: Selected essays*. Basic Books.
9. Glaser, B. G., & Strauss, A. L. (1967). *The discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research*. Aldine Publishing.
10. Goffman, E. (2009). *Stigma: Notes on the management of spoiled identity*. Simon and schuster.
11. Groes-Green, C. (2010). Orgies of the moment: Bataille’s anthropology of transgression and the defiance of danger in post-socialist Mozambique. *Anthropological Theory*, 10(4), 385-407.
12. Groes-Green, C. (2010). *Transgressive sexualities: Reconfiguring gender, power and (un)safe sexual cultures in urban Mozambique*. Unit of Women and Gender Research in Medicine, Department of Public Health, Faculty of Health Sciences, University of Copenhagen.
13. Honwana, A. (2014). Juventude, waithood e protestos sociais em África. In *Desafios para Moçambique* (pp. 399-412). https://www.iese.ac.mz/~ieseacmz/lib/publication/livros/des2014/IESE-Desafios2014_14_ProtSoc.pdf

14. Howard-Payne, L. L. (2016). Glaser or Strauss? Considerations for selecting a grounded theory study. *International Journal of Qualitative Methods*, 15(1), 1-10. <https://doi.org/10.1177/1609406916654998>
15. Leach, Edmund. 1982. “Da etnografia totalizante a etnografia micro talhada. O meu tipo de antropologia”, in: *A diversidade do antropólogo*. Lisboa: Edições 70. Pp: 117-141.
16. Levi-Strauss, C. [1955] (2005) ‘Como se faz um etnógrafo’, in: *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, Pp. 49-58.
17. Lundin, I. B. (2016). *Metodologia de pesquisa em ciências sociais* Escolar Editora. Pp. 36-45.
18. Malfitano, A. P. S. (2011). Juventudes e contemporaneidade: entre a autonomia e a tutela. *Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, 15(3). Pp. 523-542.
19. Malinowski, B. (1922). *Argonauts of the Western Pacific*. Routledge.
20. Malinowski, B. (1997) ‘Argonautas do pacífico Ocidental’, *Ethnologia* (8): 17-‘37
21. Onocko-Campos, R. T., Palombini, A. D. L., Leal, E., Serpa Junior, O. D. D., Baccari, I. O. P., Ferrer, A. L., ... & Xavier, M. A. Z. (2013). Narrativas no estudo das práticas em saúde mental: contribuições das perspectivas de Paul Ricoeur, Walter Benjamin e da antropologia médica. *Ciência & saúde coletiva*, 18. Pp. 2847-2857.
22. Peirano, M. (1992) ‘A Favor da etnografia’ *Série Antropologia*, Brasília. Pp. 2-21.
23. Peirano, M. (2006) ‘Max Weber e a antropologia: a relação entre microetnografia e macrosociologia, in: *A teoria vivida e outros ensaios da antropologia*’. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Pp. 101- 109.
24. Pertosa, M., & Agnoletto, R. (2001). Introdução. In *Saúde mental, uma experiência em Moçambique 1996/2001*(pp. 12-28). CIES & Cooperação Italiana.
25. Pires, P., et al. (2020). Saúde mental em Moçambique, uma revisão sistemática. *Saúde & Ciência*, 12-24.
26. Procuradoria Geral da República. (2024). *Informação anual do procurador-geral da república à Assembleia da República – 2023* Ministério Público. Pp. 65-67.
27. Spradley, J. P. (1980). *Participant observation*. Holt, Rinehart and Winston.